

O que (se) passa na Tradução?**O que (ultra) passa a Tradução?**

Maria Rita Salzano Moraes

Escola de Psicanálise de Campinas

Universidade Estadual de Campinas

E-mail: mrita@unicamp.br

O que é a tradução em Psicanálise, se tomamos como ponto de partida o que existe de mais radical em tudo o que é escrito, que é ser efeito de discurso? Segundo Jacques Lacan, devemos dar à escrita o lugar que lhe convém, ancorando o texto em outro lugar, além do sentido. Este além que deve orientar nossa leitura requer a participação do literal. No entanto, a necessidade da ancoragem do texto em outro lugar é um fato não ressaltado por nenhuma proposta atual de tradução em Psicanálise, por causa da manutenção da visão de que o escrito é pura e simplesmente a transcrição da fala.

Palavras-chave: tradução, sentido, efeito de discurso, escrita, literal.

Qual Tradução?

As definições clássicas de tradução têm em comum, mesmo que de maneira aparentemente contrária, a hipótese de que na produção de uma teoria que dê conta do caráter específico da tradução, e que, ao mesmo tempo, sirva para sua operacionalidade na prática, a língua deve ser considerada linguisticamente, ou seja, do ponto de vista gramatical, semântico, e como instrumento de comunicação. Sendo assim, tratam da tradução e de sua prática enquanto processo específico capaz de ser teorizado.

Os mesmos autores, no desafio dessa tarefa reconhecidamente impossível de traduzir, pretendem dar a explicação do seu processo: Georges

Mounin¹ se refere a "regras de correspondência cada vez mais finas de campo semântico a campo semântico entre duas línguas" e a "análises lingüísticas cada vez mais finas oferecidas pela teoria lingüística"; para Catford², a impossibilidade torna-se uma questão de "probabilidade" e "generalização": "textos e itens são mais ou menos traduzíveis ou intraduzíveis do que absolutamente traduzíveis ou intraduzíveis"; Paulo Rónai³: "a tradução é o mundo das minúcias" e sugere uma "prática de decifração progressiva dessas minúcias"; Décio Pignatari⁴ se refere a "metalinguagem", na dependência do "processo estocástico", "uma aproximação gradativa a uma mensagem desconhecida, a partir dos dados de um código conhecido".

Estas observações, embora verdadeiras, constituem as dificuldades na elaboração de uma teoria da tradução, justamente porque têm como ponto de partida a língua centrada exclusivamente em sua dimensão lingüística e como alvo o sentido. Não consideram o que há de radical em tudo o que é escrito, que é ser efeito do discurso. O texto original a ser traduzido não é um texto fixo, pois efeito do discurso, já comporta em si uma rachadura de base.

Faz-se necessário, então, falar de tradução **dando à escrita o lugar que lhe convém**. Segundo Lacan⁵: "A escrita se distingue, com efeito, por uma **prevalência** do *texto*, no sentido que veremos ser assumido aqui por este **fator do discurso** - o que permite este **estreitamento** que, a meu ver, não deve deixar ao leitor outra saída senão a entrada nele, que prefiro difícil". A função

¹ Georges Mounin, *Les problèmes théoriques de la traduction*, Paris: Gallimard, 1963, p. 94.

² J. C. Catford, *Uma teoria lingüística da tradução*, trad. Centro de especialização de tradutores de inglês do instituto de letras da PUC de Campinas. São Paulo: Cultrix/PUC Campinas, 1980, p. 123.

³ Paulo Rónai, *Escola de Tradutores*, 4. ed. Rio de Janeiro: EDUCOM, 1976, p. 1; e *A tradução vivida*, 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 72.

⁴ Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari, *Mallarmé*, São Paulo: Perspectiva/EDUSP, 1975, p. 196.

⁵ Jacques Lacan, *Escritos*, trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 496.

dessa prevalência é impedir "o que pode aí haver de mais frouxo neste jogo entre o imaginário e o simbólico, tão importante para nossa compreensão da experiência"⁶.

Esta ancoragem do texto em outro lugar, além do sentido, lhe é indispensável e requer a participação do literal, de algo além daquilo que orienta a leitura. No entanto, a necessidade da ancoragem do texto em outro lugar, é um fato não ressaltado por nenhuma proposta atual, por causa da manutenção da visão de que o escrito é pura e simplesmente a transcrição da fala.

Pode-se, então, chamar de Tradução a tradução em Psicanálise?

Nada impede de chamarmos de tradução a tradução propriamente dita, e aquilo que a ultrapassa, desde que se distingam as operações aí implicadas. O que ultrapassa a tradução é menos da ordem da língua, propriamente dita, do que da linguagem, é da ordem da escrita. A língua só pode existir no espaço de sua estraneidade em relação a si mesma. Querer tomar a língua como objeto, dela extraíndo elementos que possibilitem uma escrita científica, esbarra com um real do chiste, da homofonia, que nos mostra que não existem na língua dois ditos semelhantes. Se inserimos o desejo no campo da língua, veremos que língua é o lugar das equivocações. Neste sentido, nenhuma língua dá conta de outra língua.

A conjectura da escrita como reprodução da fala é largamente aceita⁷. Esta hipótese está apoiada em uma hipótese segundo a qual o visual (escrito)

⁶ Jacques Lacan, *Seminário 4, A relação de objeto*, trad. Dulce Duque Estrada, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995, p. 425.

e o auditivo (falado) constituem formalizações correspondentes. A capacidade de escrever não se reduz a um componente visual e o passo da fala à escrita não resulta de uma **tradução** da sonoridade das palavras à visibilidade das letras.

Freud em 1891⁸, ainda sem propor a hipótese do inconsciente, esboçou uma distinção semelhante, no texto das Afasias. Ele não somente distinguiu palavra e letra, mas as opôs. Propõe 4 componentes para a representação-palavra: a imagem acústica, a imagem visual, a imagem motora articulatória e a imagem motora da escrita. Pela sua proposta, dois dos componentes a escrita têm parte na fala e, ao mesmo tempo, se opõem a ela, porque os componentes visuais da escrita na fala não correspondem a nada que se possa dizer. O vínculo com o visual de uma letra é dado por uma imagem acústica que a letra não tem. A imagem será vista, portanto, pelo que nela falta e o que falta nela a articula com o significante. O som, para Freud, não compreende a imagem e a imagem não compreende o som. A consistência sonora e a visual se associam e se lêem pelo lado do que lhes falta.

Freud⁹ dá um exemplo banal para opor letra e significante: aquele de quem lê um texto em voz alta. Para esta pessoa, quando a imagem motora da leitura - o que vê - e a imagem acústica - o que se escuta ler - acontecem ao mesmo tempo, a contradição entre o visual e o auditivo produz rapidamente dificuldades de compreensão. A atenção prestada às imagens visuais apagará por completo o sentido, que deveria vir com as imagens auditivas, verbais. Esta observação se antecipa à Interpretação dos Sonhos, na qual o modo de

⁷ Gérard Pommier, *Nacimiento y renacimiento de la escritura*, Trad. Irene Agoff, Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, p. 287 e seguintes.

⁸ Sigmund Freud, *A Interpretação das Afasias*, trad. António Pinto Ribeiro, Lisboa: Edições 70, 1977, p. 71.

figurabilidade onírica, o visual, é acompanhado de uma ruptura de sentido. Esta ruptura de sentido traz conseqüências: um sonho não pode ser compreendido por confiar no que se vê, mas deve ser lido, e o sentido lhe vem somente graças ao que se ouve.

Se o passo da fala à escrita não resulta de uma **tradução** da sonoridade das palavras à visibilidade das letras, pois uma palavra escrita não corresponde jamais à sua fonética, nem à sua imagem, é **preciso primeiro tomar essa Condição da Escrita na Tradução** e dar à escrita o lugar que lhe convém, aquele que não a refreia antecipadamente, com uma ideologia da correspondência entre fala e escrita, mas o de tomar o escrito como efeito de um discurso.

Se a leitura do tradutor escolhe colocar-se na dependência da escrita, o objeto dessa leitura resulta da consideração da operação da escrita na leitura. A leitura deve então se fazer literal? Jean Allouch¹⁰ propõe: "A transliteração não basta para definir um modo de leitura. Ela é uma operação simbólica articulada a outras duas operações: tradução (imaginário) e transcrição (real). Assim, a questão dos diferentes tipos de leitura encontrou sua formulação, construindo-se como aquela dos diversos modos possíveis de articulação dessas três operações". E ainda, "Traduzir é escrever regulando o escrito pelo sentido. A operação tem a ver com o imaginário, quando o tradutor toma o sentido como referência e desconhece sua dimensão imaginária. É por isso que, em geral, a tradução se quer 'literal', o que designa simplesmente a procura de seus pontos de ancoragem em outras partes, além do simples transporte do sentido a que ela se consagra".

⁹ Sigmund Freud, *A Interpretação das Afasias*, op. cit., pp. 69-70.

O que constitui, então, a prática do tradutor é, de fato, o que a ultrapassa, o que está além do que este deseja produzir. Segundo François Cheng¹¹: "toda língua constrói seus nós e procura suas possibilidades de ultrapassamento. Neste sentido, a tradução é indispensável. É através de uma outra língua que experimentamos nossas próprias riquezas e limites, e que, de repente, tocamos no alhures do sentido...".

A tradução libera dentro de cada texto as forças subversivas de sua própria estrangeiridade. O que está latente na obra, só o estrangeiro pode descobrir, somente a passagem para uma língua estrangeira aperfeiçoa o desenvolvimento da obra. Essa postura evidencia, na língua, sua posição de rede (precária) de representação do real que não pára de não se escrever.

Até que ponto, então, a tradução, dita "literal", contempla essa condição da escrita ou resiste a ela?

Observações sobre as traduções de Freud

Segundo depoimentos de Ornston¹², Mahony, Junker, Holder, James Strachey, no projeto da tradução inglesa, optou-se pela "regra de tradução uniforme...estendida a frases e até mesmo a passagens inteiras"; manter "significado com a maior acurácia possível"; preservar "os méritos literários da

¹⁰ Jean Allouch, *Letra a Letra: transcrever, traducir, transliterar*, trad. Dulce Duque Estrada, Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1995, p. 14.

¹¹ François Cheng, *Faute de mieux*, in *Confessions de traducteurs*, *L'Âne*, n. 4, Paris, 1982, entrevista dada a Marie-Cristine Hamon e Judith Miller, p. 42.

¹² Darius Gray Orston Jr., *Translating Freud*, New York: Yale University Press, 1992, pp. 5-6, 30-31, 56-57, 61-62, 92-93.

escrita de Freud"; "onde Freud se torna difícil ou obscuro, é necessária uma tradução literal às custas de uma elegância de estilo".

Em nome de uma tradução uniforme, Strachey traduzia como se Freud já tivesse definido seus conceitos. Pensava, em sua visão de cientista da época, que cientistas sempre usam a mesma palavra para a mesma coisa. Optava por uma nomenclatura médica clássica (cathesis para Besetzung, investimento, e anaclisis para Anlehnung, apoio, para assegurar entre cientistas de diferentes países a consistência e a validade dos conceitos de Freud.

Onde Freud usa, por exemplo, uma constelação de diferentes expressões para uma idéia necessariamente vaga, Strachey opta por combinar palavras diferentes e descritivas em um termo singular seu: "estrutura" para Aufbau, Bau, Überbau, Gliederung, Gebäude, Gebilde, Gefüge, Ordnung, Struktur, Träger.

Sempre que Freud utiliza palavras filosoficamente orientadas, Strachey opta por termos científicos, por exemplo: Wohlbefinden, bem estar, é "saúde" (Gesundheit); Heilungsgeschichte, história da cura, "recovery", em vez de "history of of healing".

O termo Nachträglichkeit (posterioridade) foi traduzido por Strachey como "deferred action", que não inclui a noção de retroação. Aufheben (há em aufheben = suspender, uma ambigüidade entre anular e conservar) no Homem dos Ratos está como sinônimo de ungeschehenmachen, não deixar acontecer, "undoing" e "neutralized". Übersetzungskünste, artes da tradução (para o psicanalista) é traduzido por "explanatory arts".

Freud, por sua vez, utilizava metáforas do Século XIX, tais como "energia psíquica", para tratar de conceitos teóricos, porque implicavam diversas espécies de atividade simultânea (pulsões, necessidades conflitantes, consciência, compromisso, etc.).

É preciso destacar que Freud não levava a questão da nomeação tão a sério, quando se tratava de um conceito ainda em construção. Na correspondência de Freud a James Putnam¹³, dizia que este não deveria se preocupar demais com nomes para os conceitos e termos adequados: "os nomes não precisam ser adequados, e não nos resta mais nada no progresso da ciência, do que colocar o vinho novo em velhas mangueiras". Muito mais do que definir seus termos, sabemos que Freud antes descrevia uma certa idéia das maneiras mais variadas que podia. Por outro lado, em 1908 Freud¹⁴ escrevia a Jung: "Infelizmente a *Traumdeutung* é intraduzível, e precisaria ser novamente refeita em cada língua...".

Sobre as versões em **Espanhol**, Inga Villarreal¹⁵ tece os seguintes comentários: **Luis López-Ballesteros** (período da tradução - 1922-1934) não fez uma tradução literal, e sim uma tradução muito livre. Fácil de ler. As idéias de Freud não chegam como conceitos coerentes, porque a mesma palavra alemã é traduzida de muitas maneiras diferentes. Por outro lado, o mesmo termo espanhol é usado para uma variedade de palavras alemãs com sentidos diferentes. Palavras difíceis de traduzir, ou que poderiam causar problemas,

¹³ N.G. Hale Jr. *James Jackson Putnam and psychoanalysis*, Carta de Freud a James Putnam de 10.03.1910, Cambridge: Harvard University Press, 1971, pp.353-54.

¹⁴ Sigmund Freud and C.G.Jung, *Briefwechsel*, Carta n. 70, de 17/02/1908, ed. William McGuire and Wolfgang Sauerländer, Frankfurt am Main: S. Fischer, 1974, p. 120.

¹⁵ Inga Villarreal, "Spanisch Translations of Freud", in *Translating Freud*, org. Darius Ornston Jr., New York: Yale University Press, 1992, pp. 114-134.

são deixadas de lado. As datas dos artigos e a numeração dos capítulos não são respeitados rigorosamente e algumas frases expressam o oposto do que Freud disse.

Já a tradução de **José Etchverry** (período da tradução - 1978-1982), surgiu da necessidade de uma tradução mais rigorosa, literal e internamente consistente, influenciada pelo movimento francês de retorno a Freud, que enfatizava as raízes das palavras. Segundo Etcheverry, se o tradutor se encontra em dúvida, deve orienta-se mais pelo significante (o que Freud afirma explicitamente), do que pelo significado (o que ele pode ter querido dizer).

Ainda segundo Inga Villarreal, a maneira literal de Etcheverry traduzir as palavras-chave, e seu respeito pela tradição filosófica freudiana fazem mais justiça à complexa imagem freudiana do ser humano do que a Edição Standard em Inglês. Mas a versão espanhola também tem certas desvantagens e problemas. Parte da artificialidade de sua linguagem se deve à sua estrita aderência à tradução literal de certas palavras, porque ele leva em frente a proposta de traduzir igualmente muitas expressões comuns que contém o mesmo radical. Assim, Zweck, propósito, é sempre traduzido por "fin", e conseqüentemente, zweckmässig, prático, conveniente, se torna "acorde a fines"; zweckdienlich, útil, "para conseguir fines"; Rücksicht, consideração, "miramiento", por causa de sehen/Sicht = ver; Einfluss, influência, "influjo", por causa de fliessen = fluir; Überblick, visão geral, "se abarca com la mirada"; überbestimmt, sobredeterminado, "hipercomandado", por causa de Stimme = voz; Drang, pressão, "esfuerzo"; Verdrängung, recalçamento, "represión", "esfuerzo de desalojo"; Verkehrung ins Gegenteil, retorno ao contrário,

“trastorno hacia lo contrario”; Wechsel des Objektes, troca do objeto, “cambio de via del objeto”; Ablehnung, recusa, “desautorización”; Verwerfung, vorclusão, “desestimación”; Bedeutung, significação, “significatividad”, “intencionalidad”; Einsicht, ponto de vista, visão interna, “intelección”, etc.

É difícil produzir uma versão literal que seja ao mesmo tempo legível, porque Freud passa seu sentido ao leitor, não somente através de palavras e sentenças, mas também através de efeitos de sua língua. Os efeitos da literalidade da língua de Freud não serão os mesmos na tradução, porque a letra não se traduz, ela se transmite.

A tradução para o **Francês**, por Laplanche, Cotet e Bourguignon¹⁶, se quer tão fiel, rigorosa e consistente quanto for possível: "o texto, todo o texto, nada mais do que o texto". Não pretende modificar a literalidade freudiana, e vai inventar para Freud um 'francês freudiano', utilizando todos os recursos do francês “da mesma maneira” que Freud utiliza os do alemão. Ela propõe-se a representar a intenção do texto original como uma tarefa de fidelidade.

Acompanha esta intenção, um plano de coerência de conjunto, embutida aí uma concepção fundamentalista e absolutista da tradução, certa de poder recuperar com exatidão e fidelidade o pensamento de Freud. Se acompanharmos o percurso da ação das palavras no conjunto da obra freudiana, ou mesmo dentro de um só texto, é muito duvidoso que essas palavras se submetam a uma regra de coerência de conjunto.

Por outro lado, todos nós sabemos reconhecer que uma imensa parte da obra freudiana faz referência aos efeitos da língua. Freud a toma

¹⁶ Jean Laplanche, Pierre Cotet, André Bourguignon, *Traduzir Freud*, trad. Claudia Berliner, São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 15.

diretamente como objeto, material indispensável à psicanálise em seus aspectos clínicos, na análise dos sonhos, de casos, do chiste, passando pelas vias das associações, cadeias, pontos nodais e pontes verbais, o que revela a maneira de operação do inconsciente. Mesmo assim, segundo os críticos, a leitura de uma tradução literal se torna difícil, porque substitui a beleza e ritmo das palavras de Freud por uma consistência sistemática.

O problema da literalidade é nitidamente marcado por Freud a propósito do chiste: no "chiste de pensamento", a formulação verbal é acessória, e o chiste pode ser traduzido sem perda do efeito cômico. Mas o "chiste de palavras" é inseparável da expressão alemã: mesmo encontrando-se um equivalente na língua da tradução, as vias de conexão serão necessariamente diferentes.

É o caso também dos inúmeros jogos de palavras em Freud, cuja tradução pelo sentido colocaria a perder o sentido que só é passado pela literalidade: "Seine Klagen sind Anklagen" = suas queixas [Klagen] são acusações [Anklagen], ou o jogo que existe na *Interpretação dos Sonhos*: "Se tomamos como ponto de partida os trabalhos do sonho e de sua interpretação, nos quais, em seu desvendamento, coincidem, como o disse Breuer, sua Auflösung ((re)solução de um enigma) com a sua Lösung (solução)"¹⁷. Esta seria uma regra de Freud para não se tentar traduzir o que é da ordem do literal.

A tradução literal é muito mais do que traduzir palavra por palavra. Escolher traduzir palavra por palavra pode levar, de maneira geral, a uma literalidade premeditada, compreendida em sua acepção mais estreita, que

¹⁷ Sigmund Freud, 1900, *A Interpretação dos Sonhos*, ESB, V. 5, Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 135.

pretende respeitar até mesmo a ordem das palavras nas frases em alemão. O que ultrapassa a tradução é que não é com o sentido que se detém a fuga do sentido. No trabalho de tradução a transliteração está a seu serviço, a serviço da ancoragem da tradução na literalidade. Não se deve, portanto, colocar entre parênteses a operação de passagem e isolar o trabalho de tradução.

Para finalizar, queremos lembrar que Freud também chamou primeiro de tradução - Übersetzung - a interpretação do sonho, para depois explicitar que não se trata de uma transferência de sentido de uma língua para outra, deixando coabitar os dois termos, que são, precisamente, deciframento e tradução:

"Parece-nos mais justo comparar o sonho a um sistema de escrita que a uma língua. De fato, a interpretação de um sonho é análoga, do começo ao fim, ao deciframento de uma escrita figurativa da Antigüidade, como os hieróglifos egípcios. Em ambos os casos, há certos elementos que não se destinam a ser interpretados (ou lidos, segundo for o caso), mas têm por intenção servir de 'determinativos', ou seja, estabelecer o significado de algum elemento."¹⁸

¹⁸ Sigmund Freud, "O interesse científico da psicanálise", ESB, vol. 13, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996, pp. 179-180.

Referências Bibliográficas

- Allouch, J.**, *Letra a Letra: transcrever, traduzir, transliterar*, trad. Dulce Duque Estrada, Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1995.
- Campos, A. & Pignatari, D. & Campos, H.**, *Mallarmé*, São Paulo, Perspectiva/EDUSP, 1975.
- Catford J.C.**, *Uma teoria lingüística da tradução*, trad. Centro de especialização de tradutores de inglês do instituto de letras da PUC de Campinas. São Paulo: Cultrix/PUC Campinas, 1980.
- Cheng, F.**, *Faute de mieux*, in Confessions de traducteurs, *L'Âne*, n. 4, Paris, 1982.
- Freud, S. and Jung C.G.**, *Briefwechsel*, ed. William McGuire and Wolfgang Sauerländer, Frankfurt am Main: S. Fischer, 1974.
- _____, *A Interpretação das Afasias*, trad. António Pinto Ribeiro, Lisboa: Edições 70, 1977.
- _____, "O interesse científico da psicanálise", ESB, vol. 13, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.
- _____, *A Interpretação dos Sonhos*, ESB, Vol. 5, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1996.
- Hale, N.G.Jr.**, *James Jackson Putnam and psychoanalysis*, Carta de Freud a James Putnam, de 10.03.1910, Cambridge: Harvard University Press, 1971.
- Lacan, J.**, *Escritos*, trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____, *Seminário 4, A relação de objeto*, trad. Dulce Duque Estrada, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.
- Laplanche, J., Cotet P., Bourguignon, A.**, *Traduzir Freud*, trad. Cláudia Berliner, São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- Mounin, G.**, 1963, p.94) *Les problèmes théoriques de la traduction*, Paris: Gallimard, 1963.
- Orston, D. G. Jr.**, *Translating Freud*, New York: Yale University Press, 1992.
- Pommier, G.**, *Nacimiento y renacimiento de la escritura*, trad. Irene Agoff, Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1993.
- Rónai, P.**, *Escola de Tradutores*, 4ª Ed., Rio de Janeiro: EDUCOM, 1976.
- _____, *A tradução vivida*, 2ª Ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- Villarreal, I.**, "Spanisch Translations of Freud", in *Translating Freud*, org. Darius Ornston Jr., New York: Yale University Press, 1992.